

O CAMPO DA INTERTEXTUALIDADE NOS ESTUDOS COMPARATIVOS

THE FIELD OF INTERTEXTUALITY IN COMPARATIVE STUDIES

Recebido: 09/04/2025 Aprovado: 19/05/2025 Publicado: 31/07/2025

DOI: 10.18817/rlj.v9i1.4113

Deusirene Rodrigues Tavares Soares¹

Resumo: A literatura comparada explora o diálogo entre obras literárias e outras áreas do conhecimento, sendo a intertextualidade um conceito-chave nesse campo. O estudo da intertextualidade, iniciado por teóricos como Bakhtin e Kristeva, investiga como os textos se referem uns aos outros, gerando novos significados. Este trabalho busca situar a intertextualidade nos estudos fundadores da literatura comparada, apresentando suas definições, tipos e importância. Desde a Antiguidade, o pensamento humano utiliza a comparação como método de conhecimento. No século XIX, a literatura comparada consolidou-se como disciplina, influenciada pelo historicismo e pelo método científico. Autores como Pichois, Rousseau e Van Tieghem contribuíram para essa evolução, enfatizando a relação entre obras literárias e contextos históricos. No Brasil, Tasso da Silveira e João Ribeiro desenvolveram abordagens próprias, destacando influências e interações culturais. A intertextualidade, segundo Kristeva, evidencia que todo texto é um mosaico de citações, interagindo com discursos anteriores. Genette classifica as relações transtextuais, como citação, alusão e paródia. Assim, a intertextualidade permite compreender como a literatura se constrói a partir de outras obras, sendo essencial para os estudos comparativos.

Palavras-Chave: Literatura comparada, intertextualidade, teóricos fundamentais.

Abstract: Comparative literature explores the dialogue between literary works and other Fields of knowledge, with intertextuality as a key concept in this discipline. Initially studied by theorists such as Bakhtin and Kristeva, intertextuality examines how texts refer to one another, generating new meanings. This paper aims to situate intertextuality within the foundational studies of comparative literature, presenting its definitions, types and significance. Since Antiquity, human thought has employed comparison as a method of understanding. In the 19th century, comparative literature was consolidated as a discipline, influenced by historicism and the scientific method. Scholars such as Pichois, Rousseau and Van Tieghem contributed to its development by emphasizing the relationship between literary works and historical contexts. In Brazil, Tasso da Silveira and João Ribeiro developed their own approaches, highlighting cultural influences and interactions. According to Kristeva, every text is a mosaic of quotations, interacting with previous discourses. Genette, in turn, classifies transtextual relationships into categories such as quotation, allusion and parody. Thus, intertextuality allows us to understand how literature is constructed from other texts, making it essential to comparative literary studies.

Keywords: Comparative literature, intertextuality, fundamental theorists.

INTRODUÇÃO

A literatura comparada é uma linha de estudos literários caracterizada pelo diálogo entre obras literárias e outras áreas do conhecimento humano. Além disso, a

¹ Especialista em Formação de gestores educacionais (Unyleya), Especialista em Educação Infantil (UFT), Graduada em Pedagogia (Unicesumar. E-mail: deusyrodrigues@hotmail.com

intertextualidade apresenta-se como campo produtivo de estudos, pois envolve a análise do fenômeno em que um texto se refere a outro, gerando um novo texto.

Esse trabalho tem como objetivo traçar um percurso da intertextualidade, situando esse conceito no interior dos estudos fundadores da literatura comparada. Para isso, serão expostas a definição de intertextualidade, seus tipos e os modos, bem como a sua importância nos estudos comparativos. Além disso, serão apresentadas teorias e autores fundamentais sobre a Intertextualidade, assim como a sua aplicação nos estudos de comparatismo. Dessa forma, espera-se contribuir como um recurso adicional para pesquisadores que, no futuro, busquem subsídios para seus estudos acadêmicos.

Este estudo adota uma abordagem bibliográfica, fundamentando-se em obras teóricas que exploram a intertextualidade e a literatura comparada. Para compreender o percurso da intertextualidade dentro dos estudos fundadores da literatura comparada, serão analisadas as contribuições de teóricos como Beth Brait (1997), Sandra Maria Silva Cavalcante (2009), Tasso da Silveira (1964) e João Ribeiro (1963), entre outros. Também serão considerados os estudos de Perrone-Moisés (1990) e Walty, Paulino e Cury (1995), que discutem a intertextualidade em suas dimensões teóricas e práticas.

A metodologia adotada consiste na identificação e sistematização dos conceitos fundamentais da intertextualidade, por meio de uma viagem na história da literatura comparada, abordando a intertextualidade: definição e importância nos estudos comparativos e conceitos e elementos da intertextualidade. A compreensão da intertextualidade é fundamental para entender como os textos se relacionam entre si e como construímos significados a partir deles.

1. Breve percurso da literatura comparada

Em *Literatura comparada: textos fundadores* (1994), os autores mencionam que, de acordo com Hutcheson Macaulay Posnet, o método comparativo — ou de comunicação do conhecimento — é tão antigo quanto o pensamento. Isso porque comparar faz parte da estrutura do pensamento humano, e a maioria das áreas do saber utiliza a comparação para consolidar o conhecimento.

No livro *Que é literatura comparada?* (1990) Pichois e Rousseau afirmam que é muito antigo o esforço de separar estruturas ou fenômenos análogos dos conjuntos a que pertencem, a fim de evidenciar características comuns e, a partir delas, formular

leis (p. 3). Os autores demonstram que, desde a antiguidade, o homem realiza agrupamentos de elementos comuns, formando, assim, leis e estruturas. Para eles, os conhecimentos resultantes da literatura comparada, advêm desse processo de seleção, agrupamento e comparação entre obras, sendo essa disciplina uma evolução e consolidação dos métodos antigos.

No contexto moderno, a literatura comparada se caracteriza como uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas (Carvalhal, 2007, p. 5). Esse campo de estudos surgiu na Europa no final do século XIX início do século XX, em um momento de intensa efervescência cultural e do fortalecimento dos chamados métodos científicos, cuja ênfase estava na explicação das origens. Nesse período, pensadores e cientistas realizavam comparações entre estruturas ou fenômenos análogos, com objetivo de buscar leis gerais.

No século XX, a definição proposta por Pichois e Rousseau, no livro *A literatura comparada* apresenta essa teoria como sendo

A arte metódica, pela busca de ligações de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que eles pertençam a várias línguas ou várias culturas participando de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los (1967, Apud Perrone-Moisés, 1990).

Por outro lado, Tania Franco Carvalhal discorda dessa definição, pois argumenta que não leva em consideração as diferenças entre as obras. Segundo Carvalhal, ao focar apenas em elementos parecidos ou idênticos, o comparatista perde de vista as particularidades de cada autor ou texto, bem como os procedimentos criativos que caracterizam a interação entre eles. Assim, a prática de comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais.

Se as literaturas podem ser comparadas, em certa medida, às espécies animais pela natureza de sua evolução, é preciso, pois, estudá-las mediante um método análogo, bastante específico e profundo, capaz de explicar a complexidade dos fatos aos quais se aplica. E este método só pode ser, como todo método científico, o método comparativo, ponto de ligação entre ciências tão distantes quanto a anatomia e a gramática, a zoologia e a linguística, a paleontologia e a ciência das religiões (Carvalhal, 1994, p. 37).

Dentre os estudiosos da literatura comparada, destaca-se Paul Van Tieghem, que define seu objeto como o estudo das diversas literaturas de suas relações recíprocas. Diferenciando a literatura comparada da literatura geral, o autor considera

a primeira mais analítica e voltada para os estudos binários. Nessa perspectiva, a literatura comparada se torna uma análise preparatória para os trabalhos de literatura geral, que, por sua vez, estuda as interrelações entre duas ou mais literaturas (Carvalhal, 2007, p. 18).

A ideia de Van Tieghem influenciou vários comparatistas franceses, como Jean-Marie Carré, que reforçou a inclinação historicista dos estudos comparativos em detrimento de uma abordagem voltada para a crítica textual:

A literatura comparada é um ramo da história literária: é o estudo das relações espirituais entre as nações, *relações de fato* que existiram entre Byron e Púchkin, Goethe e Carlyle, Walter Scott e Vigny, entre as obras, as inspirações, até entre as vidas de escritores pertencentes a várias literaturas. [...] A literatura comparada não considera essencialmente as obras no seu valor original, mas dedica-se principalmente às transformações que cada nação, cada autor impõe a seus empréstimos (Carré, 1956, p. 7).

No Brasil, um dos maiores seguidores de Van Tieghem foi Tasso da Silveira, autor de um manual brasileiro sobre literatura comparada. Sua adesão às ideias do autor francês foi integral, focando-se na pesquisa de influências, identidades e diferenças, além de restringir o escopo da literatura comparada às aproximações binárias e à formação de “famílias literárias”. Além disso, Silveira descreve o perfil do comparatista como um estudioso não apenas da literatura, mas também das relações políticas, sociais, filosóficas, religiosas, científicas e artísticas. O autor também enfatiza a importância das traduções e os dados de recepção da obra por seu público (Silveira, 1964, p. 15).

Ainda no Brasil, os estudos comparatistas tiveram a contribuição de João Ribeiro, que adotou uma abordagem histórica distinta da germânica, em que a *Stoffgeschichte* explorava a literatura popular na análise de temas e mitos, defendendo, ao mesmo tempo, inter-relação entre literatura escrita e literatura oral:

Refiro-me à literatura comparada: mas não a essa em que se cotejam e se confrontam escritores de várias raças e estirpes. Pouco importam (à luz em que estou agora) os influxos recíprocos entre os homens de gênero, o quanto influiu Petrarca em Camões, Cervantes em Heine, Plauto em Molière. Refiro-me, diversamente, a um aspecto essencial da crítica histórica que há mister fundar e desenvolver (Ribeiro, 1963, p. 133).

Em 1956, Marius-François Guyard publicou a obra *A literatura comparada*, com o objetivo de esclarecer dúvidas sobre a natureza dos estudos comparativos. Ele buscava oferecer uma definição objetiva para a disciplina, diferenciando-a da crítica literária. No entanto essa distinção, nem sempre foi clara, pois, se a crítica se ocupa

do paralelismo entre obras, ao comparatismo caberia apenas o levantamento de dados sobre as influências literárias. Segundo Guyard,

A literatura comparada é a história das relações literárias internacionais. O comparativista se coloca nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, controla as trocas de temas, ideias, livros ou sentimentos entre duas ou várias literaturas (1956, p. 15).

Contudo, ao definir a literatura comparada como “história das relações literárias internacionais”, Guyard reduziu a disciplina a um simples comércio internacional da cultura, limitando-se a investigar apenas os aspectos mais superficiais dessas relações.

Em 1958, no 2º Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/IACL), René Wellek pronuncia a conferência “A crise da literatura comparada”, posteriormente publicada como artigo. Para Wellek, a literatura comparada ao fragmentar-se em análises isoladas, perde a capacidade de sintetizar seus objetos de estudos de forma significativa. Segundo Carvalhal, a crítica desse autor se fundamenta em três correntes teórico-críticas: o formalismo russo, a fenomenologia e o *new criticism*.

Posteriormente, em 1968, Claude Pichois e André-Michel Rousseau elaboraram outro manual, sendo esse mais rico e atualizado em suas informações, como também mais abrangente nos conceitos e nas propostas. Porém, apesar da aparência nova, os resultados não se alteram, reproduzindo integralmente os textos das edições precedentes, como reafirmação do conceito de literatura comparada antes adotado.

Ao longo dos anos, a literatura comparada passou por diversas tendências — francesa, americana e a dos países do leste europeu — sempre se debatendo com as noções de influência, imitação e originalidade. Se no século XIX predominavam o historicismo e a transferência de métodos científicos para análise literária, esse positivismo literário atravessou o século XX, consolidando a inclinação historicista e o foco na figura do autor dentro do comparatismo.

2. A intertextualidade e sua importância para os estudos comparativos

Antes de se obter um conceito de intertextualidade é necessário refletir sobre sua gênese, retomando a origem onde tudo se iniciou. Tendo em vista a máxima de

Salomão que afirmou: “Não há nada de novo debaixo do sol”, pode-se relacionar esse pensamento com o princípio de Lavoisier: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Essa ideia reforça a noção de que toda produção textual se baseia em elementos pré-existentes, ressignificados em novos contextos.

Quanto à origem do conceito de intertextualidade, assim se expressa Cavalcante, mencionando Juvan (2008, p. 49-94):

Na tradição milenar de estudo, de alguma forma, nos primórdios da História da filosofia (a fonte que a maiorias dos pensadores e teóricos bebem), no estudo da Retórica e da Poética, nas obras de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C), Cícero (106 a.C — 43 a.C.) e Horácio (65 a.C – 8 a.C), encontra-se a origem do que século mais tarde seria definido pelo contexto de intertextualidade. Na década dos anos 60, foi introduzida por Julia Kristeva no âmbito da Crítica Literária (2009, p. 17).

Walter Benjamin (1892-1940) e Mikhail Bakhtin (1895-1975), dois autores em tempos diferentes, lugares diferentes, cruzam-se em caminhos semelhantes na busca pela fundamentação de uma teoria. Bakhtin trilha o caminho do diálogo, conforme Beth Brait afirma no livro *Dialogismo e construção do sentido*: “Entrar na corrente do diálogo é renunciar à fala monológica, que seduz o outro de modo autoritário e impede a manifestação do caráter de conhecimento que assume o conhecimento dialógico”. (Brait, 1997, p. 13). Benjamin, por sua vez, seguiu o caminho da citação autorizada:

A citação, por sua vez, é uma forma de recuperar, sempre, em um novo texto, a verdade contida na palavra alheia. Portanto, citação é também diálogo, diálogo entre textos, compromisso em fazer convergir e divergir ideias próximas e distantes no espaço e no tempo. Citações são como fragmentos coloridos de um caleidoscópio, isolados e heterogêneos, mas que ao se juntarem em novas configurações revelam, através do impacto da imagem a presença simultânea da beleza e da verdade (Brait, 1997, p. 13).

Para Bakhtin, um texto não existe de maneira isolada, mas sempre dialoga com outros textos, seja por atração ou de rejeição, permitindo que ocorra uma interação ou diálogo entre duas ou mais vozes, entre dois ou mais discursos. Como explicam Barros e Fiorin:

A noção de dialogismo – escrita em que se lê o outro, o discurso do outro – remete a outra, explicitada por Kristeva (1969) ao sugerir que Bakhtin, ao falar de duas vozes coexistindo num texto, isto é, de um texto como atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos, teria apresentado a ideia de intertextualidade (1999, p. 50).

Diante do exposto pode se dizer que a concepção de intertextualidade está visivelmente nos trabalhos sobre a linguagem realizados por Bakhtin, e

posteriormente discutida por outros pensadores como: Barthes, Genette, Rifaterre, Bloom, Bauman. Porém, é na década de 70 que ela adquire visibilidade no ocidente.

O conceito de intertextualidade é amplo e complexo. Segundo o e-dicionário de Carlos Ceia, intertextualidade significa relação entre textos. Considerando-se o texto, num sentido amplo, como um recorte significativo feito no processo ininterrupto de semiose cultural, pode-se afirmar que a intertextualidade é inerente à produção humana. O homem sempre recorre ao que já foi feito em seu processo de produção simbólica. “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1979, p. 68). Assim, ressalta-se que a intertextualidade é essencial para a compreensão dos estudos comparativos.

Foi a partir de 1979 que Julia Kristeva utilizou o termo intertextualidade, pouco depois de sua chegada a Paris, aproveitando o que Tynianov e Mikhail Bakhtin entendiam por dialogismo. Assim, intertextualidade são variações de termos para um mesmo significado. Para Kristeva, o conceito de intertextualidade é aquele segundo o qual

o significado poético remete a outros significados discursivos, de modo a serem legíveis no enunciado poético vários outros discursos. Cria-se, assim, em torno do significado poético, um espaço textual múltiplo, cujos elementos são suscetíveis de aplicação no texto poético concreto. Denominaremos esse espaço de intertextual (2005, p. 185).

A intertextualidade é um conceito que busca compreender as relações entre textos, não apenas como uma simples comparação, mas como um processo de construção de significados. A contextualização é um fator essencial para essa compreensão, pois possibilita entender o ambiente em que os textos foram produzidos e como eles se conectam entre si.

Nesse sentido, ao analisar uma obra literária, torna-se imprescindível considerar o contexto histórico e cultural no qual foi concebida, permitindo a identificação de referências e alusões presentes no texto. A literatura, enquanto fenômeno de linguagem, é moldada por experiências vitais e culturais, estando diretamente associada a um determinado contexto social e a uma tradição histórica.

Além disso, a construção de significado desempenha um papel fundamental, uma vez que os textos não possuem um sentido fixo, mas sim um significado que se estabelece a partir das relações entre eles. Dessa forma, ao interpretar uma obra literária, é necessário compreender como ela dialoga com outros textos, permitindo uma análise mais profunda sobre o processo de construção de sentidos.

3. Conceitos e elementos da intertextualidade

Elemento fundamental nos estudos literários e linguísticos, a intertextualidade refere-se à interconexão entre textos e à forma como um texto dialoga com outros. Segundo Nitrini, ela surge no contexto da renovação dos estudos comparatistas como instrumento para dar uma nova roupagem aos estudos de “fonte” e de “influência” no campo da literatura comparada, a partir da segunda metade do século XX. A intertextualidade desempenha um papel importantíssimo na compreensão da literatura contemporânea, permitindo a análise das relações entre diferentes obras, autores e contextos culturais.

Em suma, a intertextualidade pode ser definida como uma grande rede textual em constante movimento dinâmico, como afirmam as pesquisadoras Walty, Paulino e Cury (1995):

As produções humanas, embora aparentemente desconexas, encontram-se em constante inter-relação. Na verdade, constrói-se uma grande rede, com o trabalho de indivíduos e grupos, onde os fios são formados pelos bens culturais. Se se considerar toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande rede intertextual, em constante movimento. O espaço da cultura é, pois, intertextual (1995, p. 12).

A intertextualidade pode ocorrer de forma evidente ou sutil. Embora seja mais comum em textos escritos, também pode manifestar-se em imagens e outras formas de comunicação. O diálogo entre textos pode assumir diferentes tons, dependendo do contexto e da interação do autor. Sandra Maria Silva Cavalcante, em sua tese de pesquisa sobre fenômeno da intertextualidade, afirma:

Algumas das diferentes formas de manifestação das relações estabelecidas entre textos podem ser flagradas na tipologia das relações transtextuais proposta por Genette (2006 [1982]). Segundo o pesquisador, essas relações podem ser tipologizadas em termos de: intertextualidade, que supõe a presença de um texto em outro (por citação, alusão, plágio); paratextualidade, que diz respeito ao entorno do texto propriamente dito, sua periferia (títulos, prefácios, ilustrações, encarte); arquintertextualidade, que põe um texto em relação com as diversas classes às quais ele pertence (um poema de Vinícius de Moraes estaria em relação de arquintertextualidade com a classe das obras líricas, com a classe dos poemas, a classe dos sonetos, com a classe das obras da literatura moderna brasileira), e, por fim, a hipertextualidade, que recobre fenômenos como a paródia e o pastiche, por exemplo. O trabalho realizado por Genette nos permite constatar que uma definição mais precisa do que tradicionalmente se define como intertextualidade (2009, p. 23).

Nesse sentido, a intertextualidade pode ser classificada explícita ou implícita.

Sandra Maria Silva Cavalcante também cinco tipos de relações transtextuais:

O primeiro foi, há alguns anos, explorado por Julia Kristeva, sob o nome de intertextualidade, e esta nomeação nos fornece evidentemente nosso paradigma terminológico. Quanto a mim, defino-o de maneira sem dúvida restritiva, como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro. Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio [...], que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro. (Genette, 2006, p. 7-8. Apud Cavalcante, 2009, p.23)

A intertextualidade explícita ocorre quando a referência ao texto original é clara e facilmente reconhecível pelo leitor. Esse tipo de intertextualidade estabelece uma conexão direta com a obra-fonte, sem exigir grandes deduções ou conhecimentos prévios. Já a intertextualidade implícita é mais sutil e desafiadora, pois as referências ao texto original não são imediatamente perceptíveis. Nesse caso, o leitor precisa analisar, interpretar e ter algum conhecimento prévio para identificar os elementos textuais.

Dessa forma, a intertextualidade se apresenta como um fenômeno essencial para a análise e interpretação dos textos, permitindo a construção de significados a partir das conexões estabelecidas entre diferentes produções discursivas. Ao reconhecer essas relações, ampliamos nossa compreensão sobre as influências culturais e históricas que permeiam a produção textual, enriquecendo a experiência de leitura e interpretação.

CONCLUSÃO

A literatura comparada, ao longo de sua trajetória, demonstrou ser um campo dinâmico de estudo que busca compreender as relações entre diferentes tradições literárias, enfatizando tanto as semelhanças quanto as particularidades de cada obra. Desde a antiguidade, a comparação tem sido uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento, como evidenciado pelos textos fundadores do campo. A disciplina evoluiu significativamente, passando por diferentes abordagens e metodologias ao longo do tempo, desde o historicismo do século XIX até as influências do formalismo russo, da fenomenologia e do *new criticism* no século XX.

A intertextualidade, por sua vez, emerge como um conceito essencial nos estudos comparativos, reforçando a ideia de que nenhum texto existe isoladamente. Através dos estudos de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Gérard Genette, comprehende-se que toda produção textual se estabelece em diálogo com outros textos, criando uma rede de significados em constante transformação. Esse fenômeno amplia a análise literária ao considerar não apenas a influência direta entre textos, mas também suas ressignificações e apropriações em diferentes contextos históricos e culturais.

Dessa forma, os estudos comparativos e a intertextualidade se complementam na investigação das conexões literárias, permitindo uma compreensão mais profunda das obras e suas inter-relações. A literatura comparada não se limita à busca de influências, mas também se preocupa com as diferenças e peculiaridades dos textos analisados, enriquecendo a interpretação literária. Ao mesmo tempo, a intertextualidade evidencia que a literatura é um processo contínuo de diálogo, em que autores, épocas e culturas se entrelaçam para formar novas expressões artísticas. Assim, tanto a literatura comparada quanto a intertextualidade desempenham papéis fundamentais na construção de uma análise literária mais abrangente e significativa.

REFERÊNCIAS

- Barros, Diana Luz Pessoa de; Fiorin, José Luiz (Org). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidades: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 50.
- Brait, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997. p.13.
- Carré, Jean-Marie. Prefácio. In: Guyard, M.-F. *A literatura comparada*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956. p. 07.
- Carvalhal, T. F.; Coutinho, E. D. F. (Org). *Literatura Comparada: Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p. 37.
- Carvalhal, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4.ed. São Paulo: rev. Ampliada, 2007. p. 18.
- Cavalcante, Sandra Maria Silva. *O Fenômeno da Intertextualidade em uma Perspectiva Cognitiva*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 17-23.
- Guyard, Marius-François. *A Literatura Comparada*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1956. p. 15.

Kristeva, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 185. Título original: *Recherches pour une sémanalyse*.

Perrone-Moisés, Leyla. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Ribeiro, João. *Páginas de estética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livr. São José. 1963. p.133.

Silveira, Tasso da. *Literatura Comparada*. ed. GRD. Rio de Janeiro. 1964. p. 15.

Walty, I.; Paulino, G.; Cury, M. Z. F. *Intertextualidades: teoria e prática*. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1995. 155 p. 12.